

[Informe] IEB

especial
ANTONIO CANDIDO
24/7/1918
12/5/2017

IEB
Instituto de Estudos Brasileiros
USP

Antonio Candido
a voz que perdura
além deste tempo que penso ser meu
palavra sem data
a voz que perdura
a voz que se lê
que o tempo ressoa
na força de ser

Telê Ancona Lopez
Professora emérita - IEB/USP

ANOTAÇÕES DE AULA

Num caderno de folhas amareladas e um tantinho puidas, escrito com caneta tinteiro, a primeira página ostenta um título: “Teoria da literatura”; um subtítulo: “Introdução aos estudos literários”; e uma data: 1962. Guardado ciosamente por tanto tempo, sobrevivendo a mudanças de casa e às turbulências da vida, algo de precioso há de conter: com efeito, trata-se de anotações das aulas de Teoria Literária dadas pelo professor Antonio Candido para o 1º ano do Curso de Letras, na Maria Antonia (a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, antes da sua mudança forçada para a Cidade Universitária, na sequência da guerra estadual travada com o Mackenzie). Há 55 anos. A caloura entusiasmada do Curso de Letras Clássicas deve ter anotado com fidelidade o que então ouviu, pois aquilo que dessas aulas foi registrado iria ressoar nas outras falas do professor, tanto na graduação como na pós (seja do “Regime Antigo”, em 1967, seja do “Regime Novo”, já nos barracões da Cidade Universitária, em 1972, seja nos seminários de orientandos, que se estenderam até o doutorado, em 1982), bem como em conversas pela vida afora, até o dia 12 de maio de 2017, quando a voz – fisicamente – se calou, mas não o pensamento.

Teoria Literária era na década de 1960 uma disciplina nova, implementada no currículo de Letras em 1959, optativa, mas cursada por todo mundo. Alguns anos mais tarde, essa disciplina se desdobraria, engendrando o Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH (e também o Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, que o professor Antonio Candido fundou na Unicamp, em 1975, levando orientandos seus para trabalharem lá).

Volto ao caderno de 1962, do qual seleciono as anotações (ora em estilo semiotográfico, ora com frases inteiras reproduzindo a fala do mestre), que comparecem logo nas primeiras páginas, sob o tópico de “Função da literatura”. Elas dizem, literalmente, da importância da literatura como fator de humanização do homem; da possibilidade de iniciação numa ordem de valores que nos fazem mais humanos; dessa disciplina humanizadora que torna o homem capaz, não de se ajustar, mas de se sentir suficientemente inquieto para mudar o seu tempo. E ainda: a literatura fornece uma visão do homem e do mundo, cada livro de literatura deve alterar nossa sensibilidade, mudar a visão de mundo.

Com 17 anos de idade eu tinha escolhido Letras porque gostava de literatura (e de psicologia), mas de repente alguém me formulava os motivos pelos quais valeria a pena empenhar toda a energia intelectual nesse projeto de estudo e de vida. E mergulhei no ofício de professora. Não preciso dizer que essas aulas aurores, as primeiras de centenas a que eu viria assistir do professor Antonio Candido, pautaram a minha vida – não apenas

Antonio Candido

Pra espantar o susto adiado, fui aos retalhos que guardo, acumulados faz tempo, desde um remoto 1959, quando o conheci no vigor de seu 40 anos completos. Ressabiado diante de dois jovens colegas indócens, permiti-me assistir ao curso que dava sobre *Iracema*, de Laetúcia de Freitas Vosses. “Então, vocês querem ser alunos-ouvintes? É isso? Tudo bem. Mas prestem atenção! Não ouvinte-ouve! Mais que necessária a experiente advertência. Garrulice não era com ele, descobri isso bem mais tarde.

Iracema tinha até roteiro, copiado depois por outros professores, sem menção à fonte. Guardei-o com carinho. Gesto material de quem estreava, por gosto e por decisão, no ensino da literatura, esmerando-se pra escapar do biografismo e do achismo. Gesto de quem enxergava a técnica literária a serviço da persuasão ficcional. Gesto de quem não tinha receio da simplicidade enganosa do expediente didático. Um exemplo curto, roubado do roteiro: “Na discussão prévia de *Iracema*, chegamos à seguinte conclusão, tomada como hipótese de trabalho sujeita à retificação eventual da análise: há predominância do Ambiente sobre os outros elementos relativos à matéria; do Estilo sobre a Técnica, no que respeita aos de fatura; da Coerência sobre a Verossimilhança. Mas a verificação de um significado geral só pode decorrer do conhecimento minucioso proporcionado pelas leituras atentas, no correr das aulas e sessões de estudo”.

Ao detalhe funcional bem como à simplicidade da linguagem, sem tecnicismo exibicionista, resistir... quem haveria de?

Aliás, um dos caminhos para melhor entendê-lo e absorvê-lo é o de nunca poder de vista o triângulo em que se movia: **simplicidade, originalidade e funcionalidade**. Porque seu magistério pessoal e bibliográfico sempre se pautou pela desmontagem da **máquina do mundo** sem gabolice acadêmica, nem descolamento da realidade empírica. Se o romance de Alencar funcionava como exercício analítico do texto, as aulas sobre o valor e o significado das primeiras edições, por mais inalcançáveis que fossem, não perdiam o sabor, dado que nunca se emaranhavam em terminologia abstrusa.

Na despedida formal da sociologia, brindou-nos com um ensaio no qual dá visoroso relevo à vida da caipira, cerne de nossa formação, ao qual se juntou, depois, o migrante. Sem sectarismo teórico e com o máximo respeito à essência existencial desse grupo interiorano, recortou-o contra um pano de fundo que se esborçava por modernizá-lo à revelia até hoje, triturando-lhe os valores e desrespeitando-lhe as crenças. Por consequência diábolica, seus **parceiros do rio bonito** vêm à público, sem alarde, em 1964, ano em que, mais uma vez, forjávamos uma modernização destemperada.

Se o adeus à sociologia se deu de forma discreta, o ingresso no ensino formal da literatura não se deu de forma diferente. Não se tratava de transposição automática, nem de transferência às pressas, movidas pelas circunstâncias. Já vinha de longe esse namoro, que também não era clandestino. Que o comprovem os anos de crítica literária militante em jornais paulistas, da qual resultaram rodopês semanais ainda hoje repletos de vigor e de perspicácia. Foi com eles que construí e legitimei sua carreira futura, consolidada com sua magistra **Formação da literatura brasileira** (1959), cujos dois volumes se ocupam de momentos nevralgicos para a constituição de um sistema literário. E nos quais, mais uma vez, se acentua a funcionalidade de um organismo, esquadrihado no passo lento de sua **formação**, de que participam

Um homem bom, etc....

Em 2005 publicamos em Berlim uma antologia de textos de Antonio Candido, traduzidos por um alemão, intitulada *Literatur und Gesellschaft (Literatura e sociedade)*. A seleção foi proposta por mim e quase totalmente aceita por ele, que sugeriu a substituição de um texto por outro que julgava melhor e menos conhecido, bem como o acréscimo de um ensaio, que acabara de escrever e que tinha relação mais direta com a Alemanha. Algum tempo depois, o tradutor dos textos para o alemão, dr. Marcel Vejmelka, viajou para São Paulo e conheceu pessoalmente Antonio Candido. Na sua volta a Berlim, perguntei-lhe o que havia achado do professor. A resposta que me deu parece simples, mas, na verdade, expressa sensível, racional e sinteticamente as grandes qualidades de Antonio Candido, como pessoa e como intelectual: “Um homem bom”.

Tantos anos depois, ainda com o coração pesado pela perda do mestre e amigo, o que me ocorre para homenageá-lo são pequenos **flashes** de alguns de nossos encontros dentro e fora da Universidade de São Paulo. Cronologicamente e em conjunto, eles podem talvez ilustrar essa impressão/definição de Vejmelka.

1968

A estudante do 40 ano, vestindo o eterno blusão do curso de Letras, desce rapidamente as escadas da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na rua Maria Antonia, atrás do professor Antonio Candido, com quem acaba de ter uma aula, na qual ele vem de anunciar: “O seminário não funciona, por isso continuaremos com as aulas expositivas”.

Zangada por essa decisão contra um método, reivindicando nas chamadas reuniões paritárias, ela insiste em defender o seminário como prática formadora, atacando, atrevida: “O senhor está sendo preconceituoso”.

Calmamente, sem deixar de descer as escadas, o professor alega que, afora ela, ninguém dos demais estudantes leu o texto de Lukács, “Arte e verdade objetiva”, que deveria ser discutido nesse dia. E fecha a discussão com este argumento irrefutável: “Não, a senhora se engana, porque preconceito vem antes do conceito e minha decisão vem depois de constatar a inoperância de seus colegas”.

1969

Retomando o curso, já na Cidade Universitária, depois da invasão da FFLCH pelas forças da ditadura, o professor surpreende a aluna ao propor à classe um curso baseado em seminários, em que cada estudante deve apresentar e desenvolver um conceito básico para o estudo da literatura. Cabe a ela expor o conceito de realidade, mas resolve mudar o tema, sem pedir licença, para “A literatura como forma de conhecimento da realidade”. Cada apresentação deve durar cerca de 15 minutos, mas ela fala mais de 40, deixando cinco minutos para o comentário final do professor e preparando-se para enfrentar a espera e a reprimenda. Mas o que ouve a surpreender novamente: “O seu seminário mostrou-se, em si mesmo, uma forma de conhecimento. Parabéns!”.

1970

A estudante inscreve-se no mestrado, e o professor a incentiva a fazer um projeto para solicitar apoio à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

No intervalo de um curso de pós-graduação, o professor, andando para lá e para cá no corredor, como costuma fazer, conversa com a estudante que é possível que não saia a bolsa solicitada e talvez não possa mais se ser seu orientador, porque os militares estariam na iminência de fazer com ele o que estão fazendo com vários de seus colegas, prendendo e cassando-lhes o direito de exercer a profissão. O melhor seria buscar um substituto, que não corresse o risco de ser cassado.

1972

A estudante pesquisa sobre o regionalismo gaúcho e sua relação com o modernismo, tema do doutorado. O professor, sabendo que ela precisa

O homem que sabia demais

Antonio Candido atendia pessoalmente o telefone e agendava a visita. Na sala do apartamento da rua Joaquim Eugênio de Lima invariavelmente entravam-se pilhas de livros, por ele amarrados com barbante, acomodados perto da porta. Perguntado, respondia que estavam destinados a bibliotecas. No plural? Sim, para atender aos inúmeros pedidos de doação. Cada pilha era conscienciosamente agrupada em função da instituição beneficiária. A atitude prosaica estava, no entanto, carregada de significado. Gilda de Mello e Souza contava-me que Candido tinha horror à ideia de ter sua biblioteca reconstituída sob o seu nome. Ao distribuí-los, cuidava para que os livros jamais pudessem se reunir novamente.

Candido incomodava-se com a consagração que recebia em vida, julgada de cascadinha. Não aceitava a ideia de ultrapassar a estigma que o dr. Aristides, seu pai, angariara como eminente médico. A biblioteca dele foi doada à Unicamp pelo filho ilustre para ser conservada em sua homenagem.

Nossa relação se construiu a partir da amizade com Paulo Emílio. Sou da geração que ficou órfã de seu mentor muito cedo e foi de certo modo adotada por Antonio Candido, então presidente da Cinemateca Brasileira, criada pelo amigo de geração de Clélia, instituição que na época se reconstituía. Seu apoio foi decisivo nessa jornada. Em confiança, assinava a papelada oficial sem sequer ler.

Não fui seu aluno, infelizmente. Todos os relatos convergem: aulas claras, precisas, cronometradas. Presencié confidências que confirmam a vocação de professor. Numa delas, proferida na Biblioteca Mário de Andrade, Candido falou com alento sobre as leituras da sua geração. Mas a plateia reagiu, esperava que discorresse sobre as leituras de sua formação intelectual. O palestrante recuou-se: “O trabalho do crítico está mesmo quando ele ultrapassa a sua pessoa”.

Em outra oportunidade, numa Primeira feita de histerismo e senso de humor – era um imitador insuperável –, ao mesmo tempo que demonstrava plena adequação ao interlocutor. Candido sabia encontrar o tom que atraísse o seu público, em qualquer escala. Dotado de memória prodigiosa, temperava a conversa com citações e referências no limite da cultura do ouvinte. Nunca ultrapassava o repertório dele.

Se a conversa desviava do plano intelectual ou político, Candido buscava uma ponte possível, com seu inesgotável repertório de genealogias locais ou de nobres remotas. Um intelectual monarquista podia perfeitamente saciar-se com ele dos enredos escondidos no Almanaque Gotha. De algum modo éramos todos primos. Reconstituí para mim a migração da família de minha mãe do sul de Minas ao interior de São Paulo, até fixar-se em Araraquara, fuga da Revolução Liberal. Com verve, apresentei-me um

Mas não é bem de unir essas partes que se trata. Digo isso porque nunca consegui dividir o senhor e a dimensão do homem e a dimensão do intelectual. Ao contrário, a cada vez que o encontrava, pessoalmente ou nos textos, essas duas dimensões passavam a sempre aparecer inelutavelmente juntas, uma se confundindo com a outra na mais virtuosa retroalimentação. Talvez o senhor não concorde, mas, quando ao modo como me influenciou, hoje já não faz senti-

Antonio Candido

do ex-aluno ouvinte e interlocutor assíduo Antonio Dimas; de Carlos Augusto Cali e Stelio Marras, frequentadores de sua casa, que usufruíram de longas e saborosas conversas com o professor; de Fernando Paixão, que acompanhou a distância e com admiração sua colaboração com a Editora Ática nos anos de 1980 e recebeu seu incentivo quando decidi mudar da profissão de editor para a de professor; dos leitores Jaime Ginzburg, Paulo Iumatti e Walter Garcia, docentes de gerações mais novas, que muito aprenderam com seus escritos e que confirmam o vigor de seu pensamento a ser difundido e debatido com os estudantes de nossos dias.

A essas vozes do espaço acadêmico, que rememoramos momentos de encontros intelectuais, pessoais e afetivos com Antonio Candido, junta-se a

de sua neta mais velha, Clarisse Escorrel, que torna públicos flashes da co-movente relação entre ela e seu avô, desde a infância até recentemente, pois seu último encontro com ele foi poucos dias antes de sua morte. A voz da neta adulta nos mostra, na intimidade de familiar, a relação vital de Antonio Candido com a literatura, aqui tão bem lembrada, celebrada e analisada nos textos dos colaboradores deste número especial. Relação vital que, entre outros fatores, fez de Antonio Candido o grande intelectual, crítico, historiador e professor de literatura, um grande homem, um homem bom, um homem generoso, um homem elegante, um homem lúcido até o fim. Seus escritos e ensinamentos perdurarão entre nós.

Eu gostaria de focalizar essa singular visada do militante esteta, a saber, a defesa do direito à literatura como um dos direitos humanos fundamentais. Ele parte da própria dificuldade em discriminar o que é essencial ou não em termos de direitos humanos – pois há os óbvios e inequívocos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à liberdade; e há aqueles bens que respondem a “necessidades profundas do ser humano, necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas, sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora”. Pois bem, diz Antonio Candido, a literatura, que exprime o homem, e depois atua sobre ele, é força humanizadora, da qual ninguém deveria ser privado. Ela corresponde a uma necessidade universal e “confirma no homem a sua humanidade”, fazendo-nos exercer aquilo que fundamentalmente faz de nós seres humanos: reflexão, senso da beleza, relação com o outro, percepção da complexidade do mundo e dos seres, afinamento das emoções, procura da verdade etc. E isso é imprescindível. Mas o autor avança:

...vai mostrar que na literatura, e que é um objeto construído, e em que o conteúdo só atua por causa da forma, é a forma que traz, virtualmente, a capacidade de humanização. Diz ele que, “quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a vida que temos do mundo e da vida”. Um poema, por exemplo, funciona apresentando-nos um tipo de ordem, “sugerindo um modelo de superação do caos”, mesmo que esse processo se dê o

Assim, a literatura, propiciando aos nossos estados amorosos e não nados uma passagem para a forma construída, corresponde a um desses bens que, garantindo a integridade espiritual, não poderiam ser negados a ninguém. E se é verdade que a literatura, “pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, nos organiza, nos liberta do caos e nos humaniza”, privar dela o pobre seria espolição. Poderia haver exemplo mais instigante e generoso de “pensamento radical”?

Não se cruza com alguém assim impunemente.

Adelia Bezerra de Menezes
Professora – FFLCH/USP
Professora – IEL/Unicamp

1 CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Crítica e Cultura*, v. 24, set. 1972.

2 FERRER, Antonio Carlos (Org.). *Direitos humanos e...* – São Paulo: Brasiliense, 1989.

3 CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Valores escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 235-263.

4 *Ibidem*, p. 241.

5 *Ibidem*, p. 245.

Antonio Candido

alencares e macedos, sem detrimento recíproco.

Ao vetor da funcionalidade, expressa com simplicidade, agrega-se, agora, o da **formação**, porque o que lhe interessava era e é – mais do que tudo – a constituição de cidadania, lição de que jamais nos despergamos, não obstante sua falsa ausência. Independente de paixões partidárias ou de devocões ideológicas, sua linha reta e despojada era a da criação de uma sociedade sem calombos assustadores e na qual a dignidade fosse traço natural e constitutivo.

E esse desejo seu já vinha de longe.

No viço de seus 20 e poucos anos, na década de 1940, Antonio Candido, otimista sempre, já confessava, em público, seu desejo secreto:

“[...] este desejo de estudar que caracteriza a mocidade de agora [...] vai dessempear um papel decisivo para a nossa formação. Tenho o palpite que, daqui a uns dez anos, quando o terreno semeado pela poeira dos ensaios e artigos se puser a frutificar nos livros e nos estudos alentados, muitos dos nossos problemas mais agudos serão aclarados por pontos de vista justos”.

A aula está dada, portanto. Cabe-nos disseminá-la e não permitir que se desmanche em corredores palacianos, nem em tribunas retóricas. Devagar e sempre, em **trabalho de formiguinha**, como gostava de dizer em conversas informais esse proseador emérito, disfarçado de intelectual, professor em tempo integral permanente. Dele, disse um dia, que sua orientação ultrapassava, de longe, o âmbito da literatura.

Redigo, lavro e dou fé.

Antônio Dimas
Pesquisador sênior – IEB/USP

1 CANDIDO, Antonio. Conduta. In: _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vitorius de Cantele. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, p. 256. (Coleção Espírito Crítico).

Antonio Candido

ampilar seu conhecimento da ficção regionalista brasileira e que anda fragilizada pela perda recente do pai e pela maternidade um tanto precoce, resolve matar dois coelhos de uma cajadada só, pondo à sua disposição os livros dessa tendência literária, guardados na biblioteca da casa de sua família em Poços de Caldas, e, ao mesmo tempo, proporcionando-lhe e à sua família um descanso da dura rotina paulista.

Quando a estudante chega lá, depa-lar-se com uma pilha de livros, depa-larizados no chão do escritório, devidamente organizados na ordem em que seria mais fácil cumprir a tarefa de lê-los e fichá-los em 15 dias. Tudo foi pensado para tornar possível o duplo objetivo, inclusive a cozinha e o serviço da casa, a carga da eficiente e simpática caieira, d. Manuelina.

Antes de partir, concluiu o trabalho, meio envergonhada, ela deixava sobre a mesa, com um bilhete explicativo, sobre a pequena quantia em dinheiro para des-sa tarefa pelo menos os telefonemas des-ses 15 dias. Mas, ao reencontrar o professor, já de volta a São Paulo, ele lhe devolve o dinheiro, sem comentários e sem margem para discussão.

1974-1979

A tese de doutoramento é defendida. Nos anos seguintes, a aluna continua a pesquisar, agora sobre João Simões Lopes Neto, visando à livre-docência. Mas diminui o ritmo, dividida entre a USP e outros empregos suplementares, principalmente aqueles que lhe permitiam oferecer cursos de reciclagem a professores de primeiro e segundo graus, passando a interessar-se cada vez mais por esse tema e suas implicações práticas, na militância por melhores condições de trabalho para esses profissionais.

Década de 1980

Outro Antonio e outro tema se imiscuem nos seus planos antes da livre-docência: Antonio Callado e o “Nacional popular”. O mestre continua apoiando a ex-aluna, com sua experiência, sua sabedoria, sua gentileza e sua generosidade, sendo o coordenador da comissão examinadora no concurso de livre-docência.

No dia da prova escrita, sorteado o ponto, entre dez itens previamente divulgados, a candidata tem três horas para consultar material pertinente ao tema, e uma para escrever o texto, que deve apresentar, logo a seguir, em letra cursiva. A escrita da prova se dá na hora do almoço. Os membros da comissão saem para almoçar e só voltam à tardinha. Mas o professor fica supervisionando. De repente, pede desculpas por interromper e se oferece para lhe comprar um lanche em uma lanchonete da Faculdade. Ela aceita de bom grado, percebendo, então, a sua grande fome. Encorrendo um bauri e um suco de laranja, que ele traz minutos depois, juntamente com uma sobremesa inesperada: um delicioso chocolate, que, ele justifica, tem o poder de repor as energias, necessárias à finalização da prova com sucesso.

1990-1995

Em 1989, a livre-docente é convidada a passar um semestre como professora visitante em Berlim, no Instituto

Antonio Candido

vera dos Livros realizado no Centro Cultural São Paulo (**foto**), discorreu sobre o hábito da leitura, com grande poder de sedução. Da juventude, evocou a compulsião do vendedor João Vilela da excelente livraria de Poços de Caldas, que lhe emprestava os livros inacessíveis; desse modo pôde ler um dos raros exemplares de **Serafim Ponte Grande** no jardim central. Culminou com a defesa do “caráter esteticamente pessoal da leitura e da reflexão para colocá-las a serviço de sua época”.

A comunicação fácia com alunos e ouvintes decorria do talento de conversador. Exibia uma prosa encantadora,

feita de histerismo e senso de humor – era um imitador insuperável –, ao mesmo tempo que demonstrava plena adequação ao interlocutor. Candido sabia encontrar o tom que atraísse o seu público, em qualquer escala. Dotado de memória prodigiosa, temperava a conversa com citações e referências no limite da cultura do ouvinte. Nunca ultrapassava o repertório dele.

Se a conversa desviava do plano intelectual ou político, Candido buscava uma ponte possível, com seu inesgotável repertório de genealogias locais ou de nobres remotas. Um intelectual monarquista podia perfeitamente saciar-se com ele dos enredos escondidos no Almanaque Gotha. De algum modo éramos todos primos. Reconstituí para mim a migração da família de minha mãe do sul de Minas ao interior de São Paulo, até fixar-se em Araraquara, fuga da Revolução Liberal. Com verve, apresentei-me um

Mas não é bem de unir essas partes que se trata. Digo isso porque nunca consegui dividir o senhor e a dimensão do homem e a dimensão do intelectual. Ao contrário, a cada vez que o encontrava, pessoalmente ou nos textos, essas duas dimensões passavam a sempre aparecer inelutavelmente juntas, uma se confundindo com a outra na mais virtuosa retroalimentação. Talvez o senhor não concorde, mas, quando ao modo como me influenciou, hoje já não faz senti-

Antonio Candido

do ex-aluno ouvinte e interlocutor assíduo Antonio Dimas; de Carlos Augusto Cali e Stelio Marras, frequentadores de sua casa, que usufruíram de longas e saborosas conversas com o professor; de Fernando Paixão, que acompanhou a distância e com admiração sua colaboração com a Editora Ática nos anos de 1980 e recebeu seu incentivo quando decidi mudar da profissão de editor para a de professor; dos leitores Jaime Ginzburg, Paulo Iumatti e Walter Garcia, docentes de gerações mais novas, que muito aprenderam com seus escritos e que confirmam o vigor de seu pensamento a ser difundido e debatido com os estudantes de nossos dias.

A essas vozes do espaço acadêmico, que rememoramos momentos de encontros intelectuais, pessoais e afetivos com Antonio Candido, junta-se a

de sua neta mais velha, Clarisse Escorrel, que torna públicos flashes da co-movente relação entre ela e seu avô, desde a infância até recentemente, pois seu último encontro com ele foi poucos dias antes de sua morte. A voz da neta adulta nos mostra, na intimidade de familiar, a relação vital de Antonio Candido com a literatura, aqui tão bem lembrada, celebrada e analisada nos textos dos colaboradores deste número especial. Relação vital que, entre outros fatores, fez de Antonio Candido o grande intelectual, crítico, historiador e professor de literatura, um grande homem, um homem bom, um homem generoso, um homem elegante, um homem lúcido até o fim. Seus escritos e ensinamentos perdurarão entre nós.

Eu gostaria de focalizar essa singular visada do militante esteta, a saber, a defesa do direito à literatura como um dos direitos humanos fundamentais. Ele parte da própria dificuldade em discriminar o que é essencial ou não em termos de direitos humanos – pois há os óbvios e inequívocos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à liberdade; e há aqueles bens que respondem a “necessidades profundas do ser humano, necessidades que não podem deixar de ser satisfeitas, sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora”. Pois bem, diz Antonio Candido, a literatura, que exprime o homem, e depois atua sobre ele, é força humanizadora, da qual ninguém deveria ser privado. Ela corresponde a uma necessidade universal e “confirma no homem a sua humanidade”, fazendo-nos exercer aquilo que fundamentalmente faz de nós seres humanos: reflexão, senso da beleza, relação com o outro, percepção da complexidade do mundo e dos seres, afinamento das emoções, procura da verdade etc. E isso é imprescindível. Mas o autor avança:

...vai mostrar que na literatura, e que é um objeto construído, e em que o conteúdo só atua por causa da forma, é a forma que traz, virtualmente, a capacidade de humanização. Diz ele que, “quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência, mais capazes de organizar a vida que temos do mundo e da vida”. Um poema, por exemplo, funciona apresentando-nos um tipo de ordem, “sugerindo um modelo de superação do caos”, mesmo que esse processo se dê o

Assim, a literatura, propiciando aos nossos estados amorosos e não nados uma passagem para a forma construída, corresponde a um desses bens que, garantindo a integridade espiritual, não poderiam ser negados a ninguém. E se é verdade que a literatura, “pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, nos organiza, nos liberta do caos e nos humaniza”, privar dela o pobre seria espolição. Poderia haver exemplo mais instigante e generoso de “pensamento radical”?

Não se cruza com alguém assim impunemente.

Adelia Bezerra de Menezes
Professora – FFLCH/USP
Professora – IEL/Unicamp

1 CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Revista Crítica e Cultura*, v. 24, set. 1972.

2 FERRER, Antonio Carlos (Org.). *Direitos humanos e...* – São Paulo: Brasiliense, 1989.

3 CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Valores escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 235-263.

4 *Ibidem*, p. 241.

5 *Ibidem*, p. 245.

Antonio Candido

alencares e macedos, sem detrimento recíproco.

Ao vetor da funcionalidade, expressa com simplicidade, agrega-se, agora, o da **formação**, porque o que lhe interessava era e é – mais do que tudo – a constituição de cidadania, lição de que jamais nos despergamos, não obstante sua falsa ausência. Independente de paixões partidárias ou de devocões ideológicas, sua linha reta e despojada era a da criação de uma sociedade sem calombos assustadores e na qual a dignidade fosse traço natural e constitutivo.

E esse desejo seu já vinha de longe.

No viço de seus 20 e poucos anos, na década de 1940, Antonio Candido, otimista sempre, já confessava, em público, seu desejo secreto:

“[...] este desejo de estudar que caracteriza a mocidade de agora [...] vai dessempear um papel decisivo para a nossa formação. Tenho o palpite que, daqui a uns dez anos, quando o terreno semeado pela poeira dos ensaios e artigos se puser a frutificar nos livros e nos estudos alentados, muitos dos nossos problemas mais agudos serão aclarados por pontos de vista justos”.

A aula está dada, portanto. Cabe-nos disseminá-la e não permitir que se desmanche em corredores palacianos, nem em tribunas retóricas. Devagar e sempre, em **trabalho de formiguinha**, como gostava de dizer em conversas informais esse proseador emérito, disfarçado de intelectual, professor em tempo integral permanente. Dele, disse um dia, que sua orientação ultrapassava, de longe, o âmbito da literatura.

Redigo, lavro e dou fé.

Antônio Dimas
Pesquisador sênior – IEB/USP

1 CANDIDO, Antonio. Conduta. In: _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vitorius de Cantele. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, p. 256. (Coleção Espírito Crítico).

Antonio Candido

ampilar seu conhecimento da ficção regionalista brasileira e que anda fragilizada pela perda recente do pai e pela maternidade um tanto precoce, resolve matar dois coelhos de uma cajadada só, pondo à sua disposição os livros dessa tendência literária, guardados na biblioteca da casa de sua família em Poços de Caldas, e, ao mesmo tempo, proporcionando-lhe e à sua família um descanso da dura rotina paulista.

Quando a estudante chega lá, depa-lar-se com uma pilha de livros, depa-larizados no chão do escritório, devidamente organizados na ordem em que seria mais fácil cumprir a tarefa de lê-los e fichá-los em 15 dias. Tudo foi pensado para tornar possível o duplo objetivo, inclusive a cozinha e o serviço da casa, a carga da eficiente e simpática caieira, d. Manuelina.

Antes de partir, concluiu o trabalho, meio envergonhada, ela deixava sobre a mesa, com um bilhete explicativo, sobre a pequena quantia em dinheiro para des-sa tarefa pelo menos os telefonemas des-ses 15 dias. Mas, ao reencontrar o professor, já de volta a São Paulo, ele lhe devolve o dinheiro, sem comentários e sem margem para discussão.

1974-1979

A tese de doutoramento é defendida. Nos anos seguintes, a aluna continua a pesquisar, agora sobre João Simões Lopes Neto, visando à livre-docência. Mas diminui o ritmo, dividida entre a USP e outros empregos suplementares, principalmente aqueles que lhe permitiam oferecer cursos de reciclagem a professores de primeiro e segundo graus, passando a interessar-se cada vez mais por esse tema e suas implicações práticas, na militância por melhores condições de trabalho para esses profissionais.

Década de 1980

Outro Antonio e outro tema se imiscuem nos seus planos antes da livre-docência: Antonio Callado e o “Nacional popular”. O mestre continua apoiando a ex-aluna, com sua experiência, sua sabedoria, sua gentileza e sua generosidade, sendo o coordenador da comissão examinadora no concurso de livre-docência.

No dia da prova escrita, sorteado o ponto, entre dez itens previamente divulgados, a candidata tem três horas para consultar material pertinente ao tema, e uma para escrever o texto, que deve apresentar, logo a seguir, em letra cursiva. A escrita da prova se dá na hora do almoço. Os membros da comissão saem para almoçar e só voltam à tardinha. Mas o professor fica supervisionando. De repente, pede desculpas por interromper e se oferece para lhe comprar um lanche em uma lanchonete da Faculdade. Ela aceita de bom grado, percebendo, então, a sua grande fome. Encorrendo um bauri e um suco de laranja, que ele traz minutos depois, juntamente com uma sobremesa inesperada: um delicioso chocolate, que, ele justifica, tem o poder de repor as energias, necessárias à finalização da prova com sucesso.

1990-1995

Em 1989, a livre-docente é convidada a passar um semestre como professora visitante em Berlim, no Instituto

Antonio Candido

vera dos Livros realizado no Centro Cultural São Paulo (**foto**), discorreu sobre o hábito da leitura, com grande poder de sedução. Da juventude, evocou a compulsião do vendedor João Vilela da excelente livraria de Poços de Caldas, que lhe emprestava os livros inacessíveis; desse modo pôde ler um dos raros exemplares de **Serafim Ponte Grande** no jardim central. Culminou com a defesa do “caráter esteticamente pessoal da leitura e da reflexão para colocá-las a serviço de sua época”.

A comunicação fácia com alunos e ouvintes decorria do talento de conversador. Exibia uma prosa encantadora,

feita de histerismo e senso de humor – era um imitador insuperável –, ao mesmo tempo que demonstrava plena adequação ao interlocutor. Candido sabia encontrar o tom que atraísse o seu público, em qualquer escala. Dotado de memória prodigiosa, temperava a conversa com citações e referências no limite da cultura do ouvinte. Nunca ultrapassava o repertório dele.

o orientador da dissertação era Antonio Candido.

Foi nessa mesma década que Anderson decidiu ampliar os horizontes da editora. E começou com uma área inovadora: a publicação de teses universitárias relevantes. Surgiu então a coleção Ensaios, que se manteve ativa até o início da década de 1980, dedicada a diversas áreas do conhecimento. Contou no seu Conselho Editorial com nomes da envergadura de Alfredo Bosi, Haquira Osakabe e Ruy Coelho.

É difícil dizer o quanto Candido esteve envolvido nesse projeto – já que muitas vezes ele evitava o protagonismo. Mas é certo que contribuiu com diversas publicações de seus orientandos, a começar pelo estudo que inaugurou a coleção, em 1974: **No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais**, de Walnice Nogueira Galvão.

Anos depois, foi no campo da crônica que a parceria do intelectual com a editora se renovou. No início dos anos 1980, era notável o sucesso alcançado pela coleção Para Gostar de Ler, dedicado ao gênero breve e que apresentava textos de quatro dos melhores cronistas brasileiros vivos: Drummond, Sabino, Braga e Paulo Mendes Campos. Depois de alcançar a marca de algumas centenas de milhares de exemplares vendidos, o volume 5 encerraria o projeto, para não incorrer em repetição.

Candido mantinha amizade com todos esses cronistas e não recuou em aceitar o convite para escrever no li-

vro. Foi então publicado pela primeira vez o texto “A vida ao rés-do-chão”, que se tornou um clássico sobre o assunto. Ao comentar os autores da antologia, aponta a crônica como um meio saudável de quebrar o artifício da escrita literária, aproximando-a do “que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo”?

Na sequência, Candido reuniu algumas anotações de aulas dadas nos cursos da universidade e daí surgiu o livro **Na sala de aula: caderno de aná-lise literária**, de 1985, dentro da coleção Fundamentos, coordenada por Benjamin Abdala Júnior. Quatro anos depois, é publicada a coletânea **A educação pela noite e outros ensaios**, que reúne textos seminiais como “Literatura e subdesenvolvimento” e “A revolução de 1930 e a cultura”. Com a morte de Anderson no final dos anos 1980, esmoreceu a colaboração do intelectual com a editora, que tomou rumos mais comerciais.

Mas o que o redator dessa nota de rodapé tem a ver com isso? Como trabalhei no departamento editorial da Ática durante esses anos todos, pude acompanhar as publicações citadas acima de uma ou de outra maneira. Tive a sorte de acompanhar essas iniciativas de perto. E é por isso que a capa verde do estudo de Walnice, a foto rara com os quatro cavalheiros cronistas na sede da editora e a leitura das provas de **A educação pela noite** se embarralharam na memória.

Os poucos contatos que tive com Antonio Candido foram principalmente profissionais, para lidar com questões editoriais. Algumas vezes o visitei em sua casa, em conversas que se estenderam pela tarde. Quando decidi mudar de vida profissional – isso foi exatamente há uma década –, ele teve a gentileza de me enviar uma carta de estímulo e camaradagem. E com isso terminei este singelo rodapé, em memória de Antonio Candido.

Fernando Paixão
Professor – IEB/USP

1 DIAS, Carmen Lydya de Souza. **Pavão de raiz** (Valdomiro Silveira e o regionalismo). São Paulo: Ática, 1984, p. 249. Esse livro foi publicado também na Coleção Ensaios, volume 102.

2 CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: **Para gostar de ler**. V. 5, Crônicas. São Paulo: Ática, 1980, p. 6.

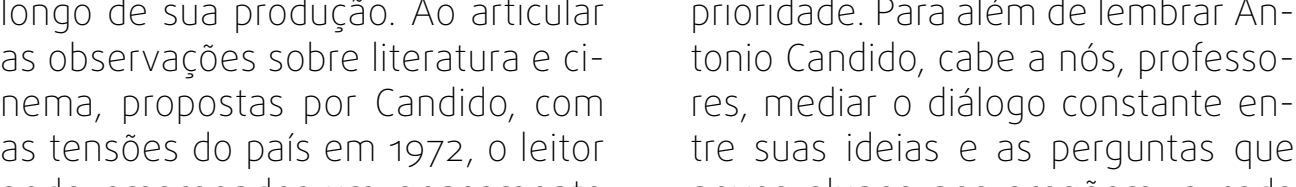
o contexto autoritário do período. A motivação para esse movimento interpretativo é acentuada por um parágrafo que fala de uma “organização dupla” e de “funcionamento duplo” da polícia. A duplicidade, atribuída às práticas policiais, pode res-surgir como perspectiva hermenêutica, não apenas para ler imagens literárias, mas para compreender o alcance do ensaio de Antonio Candido. O ensaio integra uma perspectiva de estudo de obras literárias e de um filme, articulando elementos referentes à violência e ao autoritarismo político, e um trabalho de intervenção, que propõe ao leitor condições de verbalizar expressões diretamente relacionadas com o momento histórico. Em tempos de

difficuldade por parte de intelectuais para realizarem, no espaço público, críticas ao autoritarismo e à violência de Estado, “A verdade da repressão”, ao integrar um estudo acadêmico com elementos de uma manifestação de resistência, atinge uma alta relevância ao cumprir uma função da crítica literária: o confronto com princípios de legitimação da repressão. Esse confronto pode ser encontrado em muitos trabalhos ao longo de sua produção. Ao articular as observações sobre literatura e cinema, propostas por Candido, com as tensões do país em 1972, o leitor pode empreender um pensamento crítico dialético, de modo que uma análise do passado do tempo de Balzac esteja relacionada, de modo mediado, com o presente da enunciação do crítico e com a proposta editorial da revista **Opinião**.

Antonio Candido foi responsável pelo

estabelecimento e pelo desenvolvimento de um campo intelectual, no contexto da USP e, a rigor, na América Latina. Esse campo é caracterizado pela valorização de reflexões críticas sobre conflitos sociais, pelo confronto com ideologias autoritárias e repressoras, e pela abertura continuada ao debate. As obras de Candido estão presentes, neste ano de 2017, nas ementas de várias disciplinas do curso de Letras. Muitos entre nossos alunos reconheceram nos textos de Candido uma referência em clareza e uma base para a maturação do pensamento.

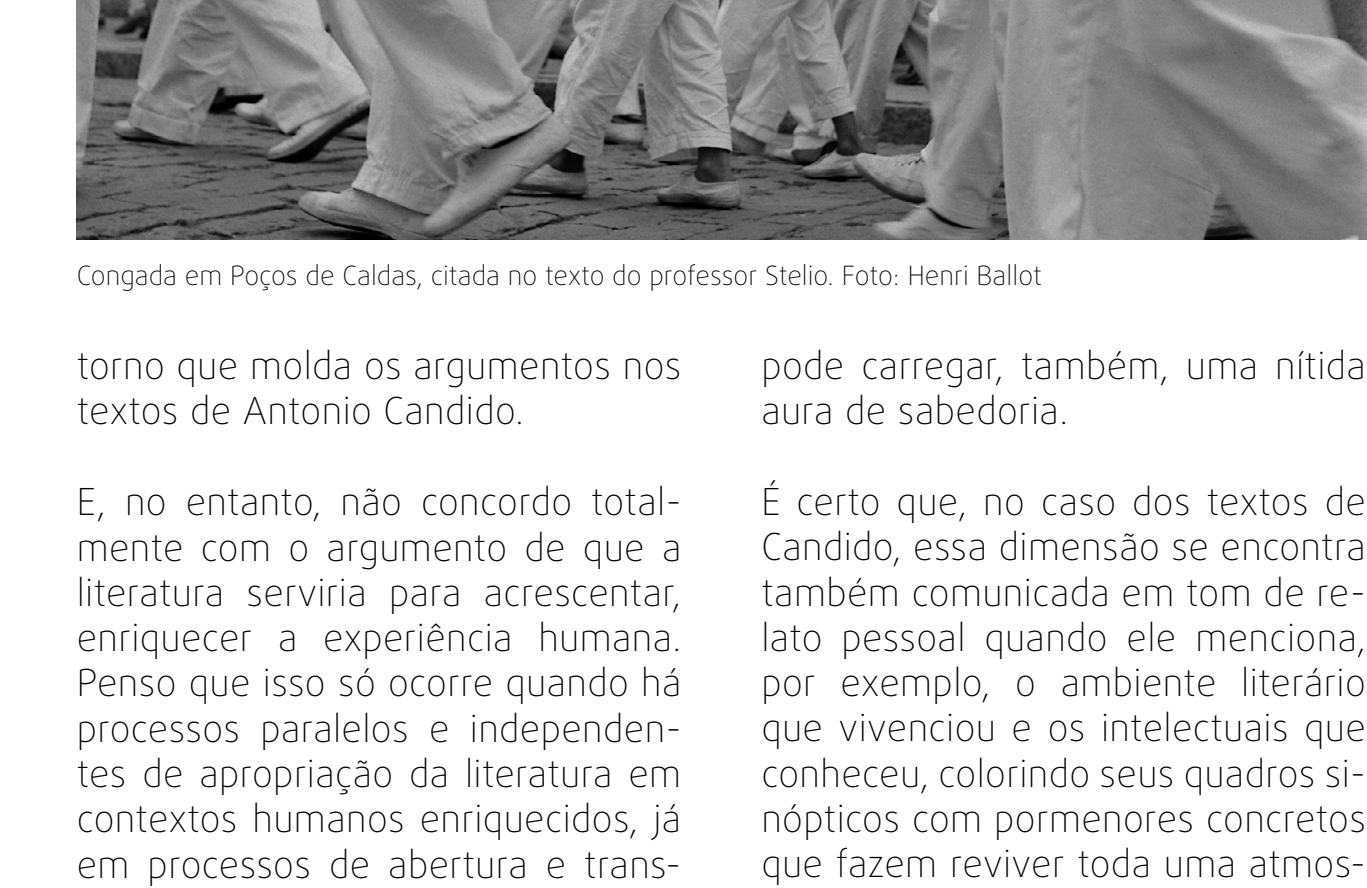
O ensaio “A verdade da repressão”, para além da função crítica desempenhada em 1972, é de uma impressionante atualidade. Vivemos tem-



pos de fortalecimento, em diversos países, de forças políticas e sociais conservadoras. Entre a presente situação política no Brasil e as regressões que ocorrem em países como os Estados Unidos, diante de contextos em que o “baralhamento da verdade” se constitui como prática institucional em espaços públicos, a necessidade de que nossos estudantes sejam capazes de pensar de modo crítico e contundente é uma prioridade. Além de lembrar Antonio Candido, cabe a nós, professores, mediar o diálogo constante entre suas ideias e as perguntas que novos alunos nos propõem, a cada novo semestre, na FFLCH.

Jaime Ginzburg
Professor – FFLCH/USP

1 CANDIDO, Antonio. **Teresina** etc.: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



Congada em Poços de Caldas, citada no texto do professor Stello. Foto: Henri Ballot

torno que molda os argumentos nos textos de Antonio Candido.

E, no entanto, não concordo totalmente com o argumento de que a literatura serviria para acrescentar, enriquecer a experiência humana. Penso que isso só ocorre quando há processos paralelos e independentes de apropriação da literatura em contextos humanos enriquecidos, já em processos de abertura e transformação. É exatamente essa a medida em que o que há de grande no indivíduo, a generosidade dos ideais e sentimentos que o movem, se deixa tocar, de forma mais fecunda, pela grande literatura. Esse seria, me parece, o terreno em que floresce o desenvolvimento intelectual do professor, que se enraiza tão fortemente nesses ideais e sentimentos que não pode deixar de produzir frutos e mais frutos, sementes e mais sementes, árvores e florestas, ao longo dos anos.

É de se pensar, mesmo, essa articulação entre homem e obra. Os ideais humanistas e sua consonância com o modo como se estrutura a personalidade transparecem nos ensaios, de modo que aquilo que a voz dos textos emana passa a ser mais do que o discurso sobre um objeto e

pode carregar, também, uma nítida aura de sabedoria.

É certo que, no caso dos textos de Candido, essa dimensão se encontra também comunicada em tom de relato pessoal quando ele menciona, por exemplo, o ambiente literário que vivenciou e os intelectuais que conheceu, colorindo seus quadros sinópticos com pormenores concretos que fazem reviver toda uma atmosfera social e intelectual. Um pouco à moda, talvez, de parte dos grandes escritores que analisou.

Mas evidentemente sua escrita traz bem mais do que esse tipo de conhecimento que advém do testemunho e da experiência – não compatíveis, aliás, por mim enquanto leitor. Há também, de um lado, a amplitude de visão, que remete à amplitude da alma; e, de outro, a assombrosa agudeza analítica. Com Antonio Candido, entramos em contato com as possibilidades e limites de nossa condição de intelectuais em um país periférico. De certa forma, tal como na literatura, é também um saber sobre a vida e a morte o que marca a voz dos seus ensaios.

Paulo Iumatti
Professor – IEB/USP

2) pode-se também entender que uma das diferenças essenciais entre os discursos da MPB e os discursos do rap de cidades como São Paulo esteja na distância entre a atuação “radical” e a “revolucionária”. Assim, de um lado, ao expressar pensamentos radicais, a MPB forma um “contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou” no Brasil. De outro lado, ao ser produzida, difundida e consumida “na classe média e em setores esclarecidos das classes dominantes”, a MPB, mesmo chegando, por vezes, “a um teor de ousadia equivalente à do pensamento revolucionário”, permanece no seu confortável lugar de classe, e seus discursos acabam por contemporizar;

3) deixando o exemplo mais evidente para o final: quando se estuda o samba e a malandragem, é incontornável retomar o célebre ensaio “Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)”, cuja primeira publicação se deu na **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**⁵.

Entretanto, para quem estuda canção popular-comercial realmente interessado ou interessada nas relações entre construção artística e processo histórico, o exemplo de Antonio Candido não se restringe a seus estudos: sua participação na vida social e suas convicções políticas também merecem ser debatidas. Em 2006, ele inaugurou a biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na cidade de Guararema (SP). Na década anterior, Candido, Callado, Houaiss e Tom Jobim haviam se reunido no Rio de Janeiro. O encontro está registrado em

um programa televisivo e também em um livro, **3 Antônio e 1 Jobim: histórias de uma geração?**. No bate-papo, Houaiss propôs que identificassem o “processo pelo qual certas formas humanas de usufruir a vida têm que impor, para a humanidade restante, formas de não usufruir a vida”; Candido, então, disse:

“O socialismo nasceu junto com o capitalismo. Ele é uma forma de correção do capitalismo. Tudo o que o capitalismo tem de mais humano não foi fruto da sua natureza, mas de pressões feitas por socialistas e similares. De maneira que, apesar de tudo o que se diz hoje sobre a crise do socialismo, [...] só um tipo de organização social em que os problemas de distribuição sejam mais relevantes que os da produção poderia atenuar essa desgraça para a qual estamos marchando”.

E, mais adiante, que “Brasil lhe perguntasse por que o Cão Lado lhe desse passo de jockey desde que eu me entendo por gente”, Candido respondeu:

“É preciso lembrar que o Brasil foi um país que se desenvolveu num regime de escravidão, e a escravidão contamina. [...] A única coisa que eu constato no Brasil é realmente o absoluto domínio da classe senhoria. O Mário Pedrosa dizia assim: ‘As classes dominantes brasileiras são as mais cruéis, as mais atrasadas e incompetentes do mundo’. Eu retifico: podem ser as duas primeiras coisas, mas incompetentes não. Elas estão há quarentos anos com a rédea na mão... E ainda são capazes de cooptar as elites... Vira tudo classe dirigente imigrante... A classe dirigente brasileira. A classe dirigente é sempre a mesma, com famílias e grupos diferentes”.

Walter Garcia
Professor – IEB/USP

1 CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira** (resumo para principiantes). 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 13.

2 Idem. A literatura como sistema. In: _____. **Formação da literatura brasileira**. Volume 1. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 23.

3 Cf. CANDIDO, A. **O método crítico de Silvio Romero**. São Paulo: Edusp, 1988, p. 9.

4 CANDIDO, A. **São Paulo**. In: **Vários escritos**. 3. ed., rev. e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 265.

5 Ibidem, p. 266-267.

6 Idem. **Dialética da malandragem (caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)**. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, p. 67-89.

7 **3 Antônio e 1 Jobim – histórias de uma geração**. O encontro de Antonio Callado, Antonio Candido, Antônio Houaiss, Antonio Carlos Jobim. Entrevistas: Zuenir Ventura; organização: Marília Martins e Paulo Roberto Abrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

de presente para ele e então contei minha fantasia infantil e toda a história sobre o chapéu de sábio. Rimos muito, juntos.

Há outra lembrança paulista mais recente. Meus filhos, Antonio Candido e Valentina, hoje com 9 e 7 anos, circulando pelo apartamento onde ele morou nos últimos 20 anos.

Comecei a levá-los a São Paulo para visitar o “Vovô Xará” em 2012, quando tinham 5 e 2 anos. De início entravam ressaltados pelas ideias que para eles era um território desconhecido e não se aproximavam muito do bisavô. Aos poucos foram se soltando e me pediam para ir a São Paulo. Abraçavam as pernas do Vovô Xará ao chegar e ao sair, ouviam interessados as histórias, a conversa dos adultos e exploravam a casa à vontade.

Numa tarde avistei os dois Antonios Candidos sentados lado a lado nas poltronas de costas para a varanda. Meu avô contava para o meu filho que havia dez Antonios Candidos na nossa família e que ele, seu bisneto, era o décimo. Lembro do olhar do meu filho para o bisavô, da roupa que vestiam e da chuva que se preparava para cair lá fora.

No meu casamento os bem-casados foram embalsados, e meu pedido, em papel crepom branco e envoltos com uma fita fina de cetim vermelho. Ele não pôde vir ao Rio naquele junho de 2005. Minha avó, com a saúde abalada, precisava dele perto.

Fiz então uma homenagem silenciosa ao colocar as fitas vermelhas nos bem-casados, lembrando do conto chinês: **O Lago das Pedras Preciosas**, contado por ele inúmeras vezes a meu pedido, que narrava a história de amor em que os personagens centrais tinham sido ligados de forma mágica e invisível ao nascer por uma fita fina de cetim vermelho amarrado ao tornozelo esquerdo de cada um, o que, de acordo com a crença local, determinava o destino amoroso das crianças chinesas. Foi uma homenagem a ele – que esteve presente no meu casamento dessa forma e se estava de mau humor, a quem eu também dizendo, de maneira silenciosa, que nosso encontro esteve traçado desde sempre, como no conto chinês, pois sempre estivemos ligados por uma fitinha fina de cetim vermelho.

Através de uma das suas histórias, meu avô serviu de inspiração para o amor que se celebrava naquele dia.

Hoje de manhã esbarrei no escritor de visita onde ele costumava escrever nos meus aniversários. Guardo esses cartões no meu armário junto com uma foto dele com minha avó e uma imagem de Santo Antônio. Arranjei ali, há muito tempo, um altar particular para aqueles de quem sou devoto. De uma letra precisa, desceva de felicidade para mim em todas as suas variações ao longo dos anos.

Neste outono não tem chovido. Os dias têm estado deslumbrantes. De uma beleza cortante como só quem vive no Rio pode entender. Dolorosamente belos. Olho para trás. Caberá a mim, a partir de agora, cuidar de uma carga preciosa. Toda a trama desse tecido de vida que você generosamente dividiu conosco.

Meu avô dizia acreditar que “quando morre acaba” e eu sempre pensei dessa forma. Ao me deparar com a morte dele, a repercussão dentro e fora do círculo familiar, vejo que terei que rever a minha posição.

Dentro da zona cinzenta da sua ausência, que me fez enxergar o mundo em câmera lenta, o que senti-mos é, na verdade, a sua presença. É “essa grandeza que ainda vamos levar muito tempo para assimilar” – palavras de José Miguel Siberia das quais eu me aproprio. Não saberia ser mais precisa. Ousou dizer, porém, que ele não acabara nunca e seguirá conosco, presente em todos os lugares, nos transformando sempre.

Clarisse Escorel (neta mais velha de Antonio Candido)
Mestre em Direito Internacional pela USP

e nela, fizemos, contrariados, uma combinação: “s6”, três histórias por dia. Uma de manhã, uma à tarde e uma à noite. Funcionou.

Quando ele se referia a essa época, dizia feliz: “A Clarisse parecia um canguruzinho quando era pequena. Não desgrudava de mim”. E completava: “Ela sempre teve necessidade de avô”.

Bem pequenininha, ganhei um pincel para fazermos a barba juntos. O meu era uma versão menor do dele. Base de osso e pelo natural. Era um ritual matutino em Poços. No quarto dos meus avós, em frente ao espelho da mobília cor de mel, passávamos espuma no rosto todo e o movem, ele tirava a dele com a navalha, eu passava as costas de um pente retirando meticulosamente a espuma, copiando os gestos que eu via pelo espelho.

No Rio era a alegria pelo afeto daquele avô que vinha sempre e tinha um apartamento no terceiro andar do nosso prédio. Ele que descia a rua comapara irmos à papaelaria e à Ondinha. Na Ondinha, uma pequena loja de doces que compõe o cenário da minha infância, eu podia escolher o que quisesse. Guarani Antártica ou Coca-Cola na garrafinha de vidro pequena, croquete de carne, doces à vontade. E ainda subíamos a ladeira com uma bandeijinha embrulhada em papel branco e vermelho e mais docinhos para comer em casa. Ele gostava dos caramêlos, e clamamos ou-riços felizes da vida.

Na papaelaria não era diferente. Eu podia uma Bic de cada cor, lápis, borracha, papel almanco, duxex e cola Pritt. Tudo para brincar de escritorão na escrivaninha dele, cedida sem a menor hesitação. Ele era o avô que abria a porta para mim com um sorriso doce e me abraçava apertado, algreio por me ver. Lembro do toque da campainha e dos passos dele do da minha avó a caminho, a chave girando e a porta rangendo para abrir porque agarrava um pouquinho no chão. Ai, o calor do seu abraço.

Em São Paulo tenho uma lembrança querida da casa da vida. Estávamos no escritório, no segundo andar, onde ficava o escritório paulista e a televisão. Então ele abriu o armário e, quando olhei, ele vestia o que para mim pareceu um chapéu, feito sob medida, pois cobria exatamente a parte onde não havia mais cabelo. Era de seda azulão com estrelinhas amarelo-douradas bordadas. Fiquei encantada e não ousei, naquele momento, fazer qualquer pergunta. Não precisava. Afinal, eu sabia que era o seu chapéu de sábio.

Anos depois comentei esse episódio com a minha mãe, que caiu na gargalhada me explicando que aquilo era um quipá que ele tinha ganho de um amigo querido e usava em cerimônias judaicas ou para aquecer a cabeça quando estava em casa no inverno rigoroso de São Paulo.

A imagem dele circulando pela casa da vila com seu chapéu de sábio permaneceu comigo. Um dia, já adulta, numa viagem a Paris, passeando pelo Marais, entrei numa lojinha e avistei um peso de papel redondo de vidro maçoio com estremo azulão e com as mesmas estrelinhas amarelo-douradas do seu chapéu de sábio. Trouxe

Video – Antonio Candido: Maria Antonia

O IEB homenageia Antonio Candido com a publicação de um vídeo inédito no qual o grande mestre relembra sua vida e a grande memória brasileira dele.

Assista também o vídeo em QR-Code

www.ieb.usp.br/antonio-candido/

Julho de 1975. Ele parou a Brasília vi-nho recém-comprado no acostamento. Chovia muito. “Vamos esperar um pouco. Assim não dá para seguir. Tenho uma carga muito preciosa aqui”, disse, olhando para o banco de trás, onde estávamos eu e minha mãe a caminho de Poços de Caldas. “A carga preciosa era você, e não eu”, minha mãe me disse, anos depois, achando graça.

Muito já se escreveu e certamente ainda se escreverá sobre Antonio Candido. Avô da dimensão familiar, ondo Vovô Candido é tão nosso, ele é caro a muitos, e sua ausência será sentida para sempre. Mas é no âmbito familiar que se encontra a nossa relação. Onde nasce o afeto entre avô e neta. Entre um avô que dá nome ao filho da neta que tem o nome da mãe dele. E é a presença dele que se coloca para nós.

Na trama da nossa história, tecida ao longo dos anos, passamos pelo Rio de Janeiro, onde nascemos os dois, por Poços de Caldas, onde passei todas as férias da minha infância – com algumas idas inesquecíveis a Arara-quara –, e por São Paulo, onde ele morou a maior parte da vida e que para mim estará para sempre ligada a ele e ao melhor lugar da cidade: a sua casa.

Em Poços eu gostava de ficar com ele no escritório onde havia a coruja de louça cujos olhos acendiam de noite. Pedia histórias sem parar. Tantas que tinha pesadelos: ia para a cama com a cabeça povoada por contos chineses, princesas que dançavam à noite toda e gastavam a sola dos sapatos, rainhas más, dragões furiosos, peixes voadores e feiticeiras horrendas com verrugas no queixo. Ele contava e encenava as histórias. Lia e inventava com prazer. A voz mansa, a dicção perfeita, o timbre só dele. Lembro de umas férias em que minha avó Gil-da precisou me dar chá de alface à noite – várias noites –, das piores coisas que já tomei, e liqou para minha mãe no Rio reclamando: “Assim não é possível, ela ouve histórias do seu pai o dia inteiro e eu não acordo com pesadelos”.

Depois de repreendidos os dois, avô

o orientador da dissertação era Antonio Candido.

Foi nessa mesma década que Anderson decidiu ampliar os horizontes da editora. E começou com uma área inovadora: a publicação de teses universitárias relevantes. Surgiu então a coleção Ensaios, que se manteve ativa até o início da década de 1980, dedicada a diversas áreas do conhecimento. Contou no seu Conselho Editorial com nomes da envergadura de Alfredo Bosi, Haquira Osakabe e Ruy Coelho.

É difícil dizer o quanto Candido esteve envolvido nesse projeto – já que muitas vezes ele evitava o protagonismo. Mas é certo que contribuiu com diversas publicações de seus orientandos, a começar pelo estudo que inaugurou a coleção, em 1974: **No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais**, de Walnice Nogueira Galvão.

Anos depois, foi no campo da crônica que a parceria do intelectual com a editora se renovou. No início dos anos 1980, era notável o sucesso alcançado pela coleção Para Gostar de Ler, dedicado ao gênero breve e que apresentava textos de quatro dos melhores cronistas brasileiros vivos: Drummond, Sabino, Braga e Paulo Mendes Campos. Depois de alcançar a marca de algumas centenas de milhares de exemplares vendidos, o volume 5 encerraria o projeto, para não incorrer em repetição.

Candido mantinha amizade com todos esses cronistas e não recuou em aceitar o convite para escrever no li-

vro. Foi então publicado pela primeira vez o texto “A vida ao rés-do-chão”, que se tornou um clássico sobre o assunto. Ao comentar os autores da antologia, aponta a crônica como um meio saudável de quebrar o artifício da escrita literária, aproximando-a do “que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo”?

Na sequência, Candido reuniu algumas anotações de aulas dadas nos cursos da universidade e daí surgiu o livro **Na sala de aula: caderno de análise literária**, de 1985, dentro da coleção Fundamentos, coordenada por Benjamin Abdala Júnior. Quatro anos depois, é publicada a coletânea **A educação pela noite e outros ensaios**, que reúne textos seminiais como “Literatura e subdesenvolvimento” e “A revolução de 1930 e a cultura”. Com a morte de Anderson no final dos anos 1980, esmoreceu a colaboração do intelectual com a editora, que tomou rumos mais comerciais.

Mas o que o redator dessa nota de rodapé tem a ver com isso? Como trabalhei no departamento editorial da Ática durante esses anos todos, pude acompanhar as publicações citadas acima de uma ou de outra maneira. Tive a sorte de acompanhar essas iniciativas de perto. E é por isso que a capa verde do estudo de Walnice, a foto rara com os quatro cavalheiros cronistas na sede da editora e a leitura das provas de **A educação pela noite** se embarralharam na memória.

Os poucos contatos que tive com Antonio Candido foram principalmente profissionais, para lidar com questões editoriais. Algumas vezes o visitei em sua casa, em conversas que se estenderam pela tarde. Quando decidi mudar de vida profissional – isso foi exatamente há uma década –, ele teve a gentileza de me enviar uma carta de estímulo e camaradagem. E com isso terminei este singelo rodapé, em memória de Antonio Candido.

Fernando Paixão
Professor – IEB/USP

1 DIAS, Carmen Lydya de Souza. **Pavão de raiz** (Valdomiro Silveira e o regionalismo). São Paulo: Ática, 1984, p. 249. Esse livro foi publicado também na Coleção Ensaios, volume 102.

2 CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão”. In: **Para gostar de ler**. V. 5, Crônicas. São Paulo: Ática, 1980, p. 6.

o contexto autoritário do período. A motivação para esse movimento interpretativo é acentuada por um parágrafo que fala de uma “organização dupla” e de “funcionamento duplo” da polícia. A duplicidade, atribuída às práticas policiais, pode res-surgir como perspectiva hermenêutica, não apenas para ler imagens literárias, mas para compreender o alcance do ensaio de Antonio Candido. O ensaio integra uma perspectiva de estudo de obras literárias e de um filme, articulando elementos referentes à violência e ao autoritarismo político, e um trabalho de intervenção, que propõe ao leitor condições de verbalizar expressões diretamente relacionadas com o momento histórico. Em tempos de

difficuldade por parte de intelectuais para realizarem, no espaço público, críticas ao autoritarismo e à violência de Estado, “A verdade da repressão”, ao integrar um estudo acadêmico com elementos de uma manifestação de resistência, atinge uma alta relevância ao cumprir uma função da crítica literária: o confronto com princípios de legitimação da repressão. Esse confronto pode ser encontrado em muitos trabalhos ao longo de sua produção. Ao articular as observações sobre literatura e cinema, propostas por Candido, com as tensões do país em 1972, o leitor pode empreender um pensamento crítico dialético, de modo que uma análise do passado do tempo de Balzac esteja relacionada, de modo mediado, com o presente da enunciação do crítico e com a proposta editorial da revista **Opinião**.

Antonio Candido foi responsável pelo

estabelecimento e pelo desenvolvimento de um campo intelectual, no contexto da USP e, a rigor, na América Latina. Esse campo é caracterizado pela valorização de reflexões críticas sobre conflitos sociais, pelo confronto com ideologias autoritárias e repressoras, e pela abertura continuada ao debate. As obras de Candido estão presentes, neste ano de 2017, nas ementas de várias disciplinas do curso de Letras. Muitos entre nossos alunos reconheceram nos textos de Candido uma referência em clareza e uma base para a maturação do pensamento.

O ensaio “A verdade da repressão”, para além da função crítica desempenhada em 1972, é de uma impressionante atualidade. Vivemos tem-

pos de fortalecimento, em diversos países, de forças políticas e sociais conservadoras. Entre a presente situação política no Brasil e as regressões que ocorrem em países como os Estados Unidos, diante de contextos em que o “baralhamento da verdade” se constitui como prática institucional em espaços públicos, a necessidade de que nossos estudantes sejam capazes de pensar de modo crítico e contundente é uma prioridade. Além de lembrar Antonio Candido, cabe a nós, professores, mediar o diálogo constante entre suas ideias e as perguntas que novos alunos nos propõem, a cada novo semestre, na FFLCH.

Jaime Ginzburg
Professor – FFLCH/USP

1 CANDIDO, Antonio. **Teresina** etc.: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

2) pode-se também entender que uma das diferenças essenciais entre os discursos da MPB e os discursos do rap de cidades como São Paulo esteja na distância entre a atuação “radical” e a “revolucionária”. Assim, de um lado, ao expressar pensamentos radicais, a MPB forma um “contrapeso ao movimento conservador que sempre predominou” no Brasil. De outro lado, ao ser produzida, difundida e consumida “na classe média e em setores esclarecidos das classes dominantes”, a MPB, mesmo chegando, por vezes, “a um teor de ousadia equivalente à do pensamento revolucionário”, permanece no seu confortável lugar de classe, e seus discursos acabam por contemporizar;

3) deixando o exemplo mais evidente para o final: quando se estuda o samba e a malandragem, é incontornável retomar o célebre ensaio “Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)”, cuja primeira publicação se deu na **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**⁵.

Entretanto, para quem estuda canção popular-comercial realmente interessado ou interessada nas relações entre construção artística e processo histórico, o exemplo de Antonio Candido não se restringe a seus estudos: sua participação na vida social e suas convicções políticas também merecem ser debatidas. Em 2006, ele inaugurou a biblioteca da Escola Nacional Florestan Fernandes, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), na cidade de Guararema (SP). Na década anterior, Candido, Callado, Houaiss e Tom Jobim haviam se reunido no Rio de Janeiro. O encontro está registrado em

um programa televisivo e também em um livro, **3 Antônio e 1 Jobim: histórias de uma geração?**. No bate-papo, Houaiss propôs que identificassem o “processo pelo qual certas formas humanas de usufruir a vida têm que impor, para a humanidade restante, formas de não usufruir a vida”; Candido, então, disse:

“O socialismo nasceu junto com o capitalismo. Ele é uma forma de correção do capitalismo. Tudo o que o capitalismo tem de mais humano não foi fruto da sua natureza, mas de pressões feitas por socialistas e similares. De maneira que, apesar de tudo o que se diz hoje sobre a crise do socialismo, [...] só um tipo de organização social em que os problemas de distribuição sejam mais relevantes que os da produção poderia atenuar essa desgraça para a qual estamos marchando”.

E, mais adiante, que “Brasil lhe perguntasse por que o Cão Lado lhe desse passo de jockey desde que eu me entendo por gente”, Candido respondeu:

“É preciso lembrar que o Brasil foi um país que se desenvolveu num regime de escravidão, e a escravidão contamina. [...] A única coisa que eu constato no Brasil é realmente o absoluto domínio da classe senhoria. O Mário Pedrosa dizia assim: ‘As classes dominantes brasileiras são as mais cruéis, as mais atrasadas e incompetentes do mundo’. Eu retifico: podem ser as duas primeiras coisas, mas incompetentes não. Elas estão há quarentos anos com a rédea na mão... E ainda são capazes de cooptar as elites... Vira tudo classe dirigente imigrante... A classe dirigente brasileira. A classe dirigente é sempre a mesma, com famílias e grupos diferentes”.

Paulo Iumatti
Professor – IEB/USP

1 CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira** (resumo para principiantes). 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 13.

2 Idem. A literatura como sistema. In: _____. **Formação da literatura brasileira**. Volume 1. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 23.

3 Cf. CANDIDO, A. **O método crítico de Silvio Romero**. São Paulo: Edusp, 1988, p. 9.

4 CANDIDO, A. **São Paulo**. In: **Vários escritos**. 3. ed., rev. e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 265.

5 Ibidem, p. 266-267.

6 Idem. **Dialética da malandragem (caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)**. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, p. 67-89.

7 **3 Antônio e 1 Jobim – histórias de uma geração**. O encontro de Antonio Callado, Antonio Candido, Antônio Houaiss, Antonio Carlos Jobim. Entrevistas: Zuenir Ventura; organização: Marília Martins e Paulo Roberto Abrantes. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

de presente para ele e então contei minha fantasia infantil e toda a história sobre o chapéu de sábio. Rimos muito, juntos.

Há outra lembrança paulista mais recente. Meus filhos, Antonio Candido e Valentina, hoje com 9 e 7 anos, circulando pelo apartamento onde ele morou nos últimos 20 anos.

Comecei a levá-los a São Paulo para